

“O governo precisa mudar o câmbio sem demora”

O economista Paulo Nogueira Batista Júnior levantou no debate o ponto de discordância entre os convidados do *Balanço*: o câmbio. Defendeu a correção das cotações, com a elevação do dólar frente ao real e provocou Dionísio Dias Carneiro, que tem participado das discussões da equipe econômica. Abaixo, a íntegra de um trecho, onde as alfinetadas são visíveis:

José Márcio Camargo — Existe uma taxa de desemprego que sustenta a de câmbio no nível que você quiser. A Argentina tem uma taxa de 20% da força de trabalho.

Dionísio Dias Carneiro — Os 20% deles não podem ser comparados aos nossos 5%, não. Os nossos 5% são uns 8% ou 9% deles.

Camargo — Já foi, mas não importa. O problema é que é muito maior do que a taxa de desemprego que temos aqui. Existe uma taxa de desemprego que sustenta uma taxa de câmbio real. Estou convencido disso. Seja lá como você quer chamar desemprego.

Carneiro — Como existe o nível de fluxo de capital, também.

Camargo — Quero dizer que se você quiser uma taxa de desemprego mais baixa — não mais baixa do que no Brasil — mas razoável sob o ponto de vista político, econômico e social para este país, acho que a taxa de câmbio está sobrevalorizada. Não tenho nenhuma dúvida que se você estiver disposto a manter uma taxa de desemprego alta. Aliás, o Chile nos mostrou isso na década de 80. Tinham uma taxa de mais de 20% da força de trabalho como medimos. O ajuste acaba sendo feito. Essa discussão nós não

temos. Mas se você estiver preocupado em gerar um nível de atividade compatível política e economicamente com este país, a taxa de câmbio está sobrevalorizada. Mais do que seus 10%. E vai ter que ser resolvida ao longo do tempo. O problema da balança de pagamentos não está resolvido. Tem um caminho a ser resolvido, que vai explicitar outros custos para outros grupos sociais.

Carneiro — Mas a reação da imprensa e da opinião pública quanto a isso foi em relação aos deficits previstos por um número enorme de analistas. Olha o que estava sendo previsto há um ano.

Camargo — Eu disse diversas vezes que se você reduzisse o nível de atividade, você iria reduzir a balança de pagamentos e a balança comercial. Todo mundo dizia que a política monetária não era efetiva em termos de nível de atividade. Eu dizia: me entregue o Banco Central que eu faço.

Sulamis Dain — Cuidado!!!

Paulo Nogueira Batista Júnior — Eu gostaria que vocês colocassem melhor esse que é um ponto de discordância entre nós. Não entendo porque o Dionísio não quer reconhecer uma coisa que é muito clara: o

Plano Real trouxe uma perda de competitividade para a economia extraordinária. Há uma piada, não me recordo de qual economista, que diz que um dos sinais de que há defasagem cambial é quando o governo começa a encontrar algum indicador que não mostra a defasagem cambial. Há um desalinhamento grave.

Sulamis Dain — Nos seus próprios termos e não envolvendo outras áreas políticas.

Carneiro — Nosso nível de divergência básico é que não é assim. Você precisa do câmbio real (*acentuou*). Com uma tradição inflacionária que temos, a taxa de câmbio real não pode ser manejada só com a taxa de câmbio nominal em um país que vem de um processo inflacionário. Só isso.

Nogueira — Não é possível alterar o câmbio real via manipulação do câmbio nominal. Não vamos chegar a esse ponto. E o governo brasileiro tem uma grande vantagem relativamente aos outros latinos. O que ele precisa fazer? Precisa fazer sem muita demora um novo ajuste na banda cambial.

Carneiro — Só não concordo que essa demora seja fruto do financiamento.

Nogueira — É claro, mas se você demora muito, vai acumular um problema. É ficar solidário com uma política cambial errada. Não poderíamos prever que as reservas em julho estariam nos mesmos níveis de novembro do ano passado. O que mostra a nossa limitada capacidade de prever a volatilidade brutal do mercado financeiro. Precisamos ajustar a política cambial com segurança, preservando o Plano Real. É importante não cair na ilusão de que é um problema pequeno.